# O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

# O XADREZ NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL

**Agenor Roberto Bona**[1]

**Roseli Viola Rodrigues**[2]

**Resumo.** O artigo apresentado está vinculado ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) do Estado do Paraná. É resultado da Implementação Pedagógica com Deficientes Intelectuais (DI), do Colégio Estadual Olavo Bilac (CEOB) de Cantagalo – PR da Sala de Recursos Multifuncional (SRM), que teve como tema utilização do xadrez como agente coadjuvante na aprendizagem e justificou-se por estarem inseridas numa sociedade que a tempo desabilita os indivíduos com necessidades especiais, dando mais ênfase as suas patologias que suas potencialidades. Assim organizou-se e planejou-se estratégias de ação que foram desenvolvidas pedagogicamente no 1º semestre de 2013, em 32 horas aulas que se realizaram aos sábados a tarde, com 4 horas/aulas em cada encontro, totalizando 8 encontros, possibilitando ao aluno o entendimento do que foi tratado de maneira específica do jogo de xadrez. O objetivo deste estudo foi oportunizar uma forma interessante e desafiadora de se trabalhar o jogo de xadrez vislumbrando mais os potenciais dos alunos com DI do CEOB, havendo uma contribuição significativa para os discentes nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais nesse espaço pedagógico privilegiado que é a SRM. Como resultado, verificou-se que os escolares melhoraram os níveis de atenção, auto-estima e no rendimento escolar nos que permaneceram no projeto. O estudo possibilitou aos envolvidos (professor PDE, professores do grupo de trabalho em rede – GTR – alunos e professoras da SRM) refletir e aprofundar seus conhecimentos e melhorar a prática escolar com qualidade. Contudo, mostrou-se que o sábado torna-se inviável para a participação efetiva com atividades que envolvam essa modalidade de ensino.

Palavras-chave: Aprendizagem. Deficiência Intelectual. Sala de Recursos Multifuncional. Xadrez.

## 1 Introdução

A utilização do xadrez como agente coadjuvante na aprendizagem na sala de recursos Multifuncional com Deficientes Intelectuais (DI), do Colégio Estadual Olavo Bilac (CEOB) de Cantagalo – PR, tema proposto para este trabalho científico, que no ano de 2012, teve 1.481 alunos matriculados nos três turnos segundo o Sistema Estadual de Registro Escolar (SERE) do referido colégio e desses 38 alunos com laudos de Deficiência Intelectual (DI), ou seja, 2,6% de seus alunos (DADOS DE TURMAS E MATRÍCULAS PARA O MOMENTO REFERENCIAL NA DATA DE 01/06/2012) justificou-se, pois... “Por um tempo demasiadamente longo os

[1] Professor da Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná. Graduado em Educação Física pelas Faculdades Integradas de Palmas - FACIPAL, com Especialização em Alfabetização e Educação Especial pela Faculdade Dom Bosco.

[2] Orientadora PDE da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Mestrado em Educação e Ensino de Professores pelo Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná.

problemas das pessoas portadoras de deficiências têm sido compostos por uma sociedade que inabilita, que tem prestado mais atenção aos impedimentos do que aos potenciais de tais pessoas". (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA). De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Olavo Bilac de Cantagalo, Paraná (p.49)... "A Sala de Recursos mediante Instrução 159/07 destina-se a alunos do Ensino Fundamental – séries finais, na área de Deficiência Intelectual e ou Transtornos Funcionais Específicos. Com atendimento por intermédio de cronograma, os alunos são atendidos no contra turno da classe comum." Acredita-se respeitando as diferenças e vislumbrando mais os potenciais dos alunos com DI do CEOB, possa haver uma contribuição significativa nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais nesse espaço pedagógico privilegiado e por ser o xadrez um jogo para todas as idades e que pode tornar mais divertida e agradável a vida em qualquer situação e momento.

Segundo Tirado e Silva:

> Aprender a jogar xadrez assemelha-se à aprendizagem de leitura, em que partimos do micro (vogais e consoantes) para chegarmos ao macro (palavras, frases e textos). Em xadrez o processo de aprendizagem é semelhante, pois aprendemos a mover as peças para depois fazê-las cooperar entre si e então atingir o objetivo: o xeque-mate. (Tirado e Silva, p.48)

O xadrez desenvolve o raciocínio lógico, pois faz com que o aluno praticante pense bastante para optar pelo lance que julgue mais correto. Participando de torneios ou jogando de forma recreativa as crianças se sentem valorizadas, pois nesse jogo a criança ou o adolescente, tem a possibilidade jogar sem temer as consequências.

E porque o xadrez como interventor nessa modalidade de educação? Para o Grande Mestre Internacional de Xadrez, Yasser Seirawan... "Os jogos – e existem milhares, talvez milhões, deles – há muito têm sido usados pelas sociedades como meio de desenvolvimento físico, emocional e mental. Entre eles, o xadrez é o instrumento perfeito para o exercício da mente" (SEIRAWAN, 2006, p.11). Se o atendimento educacional especializado do aluno, exige que o professor estimule o desenvolvimento da aprendizagem e o cognitivo, parece que o de xadrez pode contribuir nessa empreitada. Goethe *apud* Seirawan (2006, p.11) disse que: "O jogo de xadrez é a pedra de toque do intelecto".

Portanto, este artigo tem a pretensão de apresentar os resultados de um trabalho desenvolvido com alunos DI da SRM de uma escola de Cantagalo – PR e discutir a importância da utilização do xadrez como instrumento potencializador da aprendizagem e o desenvolvimento de processos educativos que favoreçam a atividade cognitiva, contribuindo para a apropriação dos conhecimentos científicos, sociais e culturais de maneira crítica e construtiva.

## 2 Educação Especial: breve histórico e políticas públicas

Para realização do estudo começa-se abordando um pouco do contexto histórico no qual teve origem a educação especial, que segundo Mazzotta:

> ...pode-se constatar que, até o século XVIII, as noções a respeito da deficiência eram basicamente ligadas a misticismo e ocultismo, não havendo base científica para desenvolvimento de noções realísticas. O conceito de diferenças individuais não era compreendido ou avaliado. (2011, p.16).

Considera-se que o Século XVIII já havia condições favoráveis que foram determinantes no atendimento do incapacitado, deficiente, inválido, que por axiomas de várias nações, eram menosprezados por considerá-los imutáveis em suas condições, que dessa maneira os deixavam sem a devida atenção que suas vulnerabilidades sociais particulares careciam. Mazzotta (2011, p.17) novamente, diz que: “Foi principalmente na Europa que os primeiros movimentos pelo atendimento aos deficientes, refletindo mudança atitude dos grupos sociais, se concretizaram em medidas educacionais”. Essa corrente chegou e ocorreu no Brasil, mas depois de passar pelos Estados Unidos e Canadá.

Mas antes disso, entre os povos primitivos a deficiência era distinta em dois aspectos:

> - extermínio, por serem consideradas grave empecilho à sobrevivência do grupo, já que não podiam cooperar nos afazeres diários;
> - proteção e sustento, para ganhar a simpatia dos deuses, por gratidão, em reconhecimento aos esforços daqueles que se mutilavam na guerra. (HONORA, p. 12)

Vê-se que o conhecimento sobre as deficiências era mínimo e causava medo e estranheza por suas diferenças que, deste modo contribuíram muito para que essas pessoas fossem ignoradas e marginalizadas. O misticismo, o fanatismo, entre outras crenças do idealismo religioso participaram grandemente para a segregação desses indivíduos com deficiência como relata Honora (2008):

> Os hebreus viam, na deficiência física ou sensorial, uma espécie de punição divina, e impediam qualquer pessoa com deficiência de ter acesso a serviços religiosos.
> A Lei das XII Tábuas, na Roma antiga, autorizava os patriarcas a matar seus filhos defeituosos. O mesmo ocorria em Esparta, onde os recém nascidos frágeis ou deficientes eram lançados do alto do Taigeto (abismo de mais de 2.400 metros de altitude). *Id.*

Sem crédito algum, o deficiente passava por julgamentos antes mesmo que lhe fosse possível uma defesa a favor da sua diferença, como se fosse um empecilho e uma ameaça ao estabelecimento da ordem social. Já os hindus, "... sempre consideraram os cegos de sensibilidade interior mais aguçada, (...) e estimulavam o ingresso de deficientes visuais nas funções religiosas." *op. cit.*

Considerando essa atitude do povo hindu, nota-se que existia uma alternativa, que o caminho estava sendo aberto. Na mesma direção e pensamento de modo mais humanístico, os atenienses e romanos de uma forma bem parecida usavam a contribuição de todos para os cuidados com seus heróis de guerra e deficientes:

> Os atenienses, por influência de Aristóteles, protegiam seus doentes e deficientes, concedendo-lhes a possibilidade de exercer uma atividade produtiva, quando isso era possível, ou sustentando-os, quando a sua condição não permitia nenhuma atividade. *op. cit.*

Sobre os romanos, a autora aborda que "... discutiam se a conduta adequada seria assistencial ou de readaptação desses deficientes a uma atividade produtiva que lhes fosse apropriada." *op. cit.* Assim, o tempo passou e foi modificando os axiomas e as atitudes dos povos. Uma visão mais humanística da deficiência se deu com a Revolução Francesa superando a visão mitológica, da bruxaria e do espiritismo e encarando a deficiência sem perseguições ou qualquer outro julgamento moral comuns nos séculos XVI e XVII e sim de maneira mais filosófica e antropológica.

Neste mesmo século, segundo os estudos de Mazzotta (2011, p. 18) "... que a primeira obra impressa sobre a educação de deficientes teve autoria de *Jean-Paul Bonet* e foi editada na França em 1620 com o título *Redação das letras e arte de ensinar os mudos a falar."* Entre o século XVII e o XIX, onde ocorre o nascimento do capilatismo de mercado na Europa, e especialmente na França com sua revolução, a deficiência é referenciada de ordem médica e educacional, surgindo assim os hospícios com ensino especial, se tornando exemplo institucional. Com a Revolução

Industrial, duas grandes guerras, pela precariedade no trabalho com suas mutilações e doenças profissionais, qual parece ser nesses momentos de mudanças de paradigmas que se procurou conhecer e compreender mais a deficiência, e consequentemente, contribuiu para que surgissem as leis e as normas que regiam a liberdade individual na sociedade, pois precisavam de uma organização maior para tal constituição.

Eis que surge, em 10 de dezembro de 1948 na Assembléia Geral das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Entretanto, para melhor entendermos o que as políticas públicas estabeleceram para as pessoas com deficiência, em Washington, em 1990 ocorreu na Conferência Sanitária Panamericana a descrição do conceito que é deficiência, incapacidade e desvantagem:

> *Deficiência – é qualquer perda de função psicológica, fisiológica ou anatômica. Tem como características: anormalidades temporárias ou permanentes em membros, órgãos, ou outra estrutura do corpo, inclusive os sistemas próprios da função mental.*
> *Servem como exemplos, sob a ótica orgânica, a perda da capacidade de ver, ouvir, andar, decorrentes de deficiências visuais, auditivas e motoras, respectivamente.*
>
> *Incapacidade – é qualquer restrição, devida a uma deficiência da capacidade de realizar uma atividade. A incapacidade se caracteriza pelo desempenho insatisfatório de ações pelo indivíduo (temporárias ou permanentes; reversíveis ou irreversíveis), nos aspectos psicológicos, físicos e /ou sensoriais.*
>
> *Desvantagem – é uma situação desvantajosa para um indivíduo determinado, com conseqüência de uma deficiência ou incapacidade que o limita ou impede de desempenhar um papel. Caracteriza-se pela diferença entre o rendimento do individuo e suas próprias expectativas e as do grupo a que pertence.* (Carvalho, 1997, págs. 38-39, *apud*, Honora e Frizanco, 2008, p. 19)

Dos três conceitos descritos, nessa conferência, entende-se que o primeiro arrola a condição em si da pessoa; o segundo teria um elo da atividade que exerce com as pessoas e o terceiro da pessoa em seu contexto social. Em 1990 também o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e a Cultura – UNESCO convocam para uma Conferência Mundial em Jomtien, na Tailândia, que gerou uma *Declaração Mundial sobre Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem* para garantir o atendimento básico de aprendizagem a todas as crianças, jovens e adultos.

Quatro anos mais tarde na Espanha entre 7 e 10 de junho de 1994, mais que reafirmar a declaração de Jomtien, a Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais onde sua Estrutura de Ação em Educação Especial enfatiza no item quarto da introdução que a:

> Educação Especial incorpora os mais do que comprovados princípios de uma forte pedagogia da qual todas as crianças possam se beneficiar. Ela assume que as diferenças humanas são normais e que, em consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às assunções pré-concebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem. Uma pedagogia centrada na criança é beneficial a todos os estudantes e, consequentemente, à sociedade como um todo. A experiência tem demonstrado que tal pedagogia pode consideravelmente reduzir a taxa de desistência e repetência escolar (que são tão características de tantos sistemas educacionais) e ao mesmo tempo garantir índices médios mais altos de rendimento escolar. Uma pedagogia centrada na criança pode impedir o desperdício de recursos e o enfraquecimento de esperanças, tão freqüentemente conseqüências de uma instrução de baixa qualidade e de uma mentalidade educacional baseada na idéia de que "um tamanho serve a todos". Escolas centradas na criança são além do mais a base de treino para uma sociedade baseada no povo, que respeita tanto as diferenças quanto a dignidade de todos os seres humanos. Uma mudança de perspectiva social é imperativa. Por um tempo demasiadamente longo os problemas das pessoas portadoras de deficiências têm sido compostos por uma sociedade que inabilita, que tem prestado mais atenção aos impedimentos do que aos potenciais de tais pessoas.

A Declaração de Salamanca de fato foi marcante, não só para os alunos com necessidades educacionais especiais (como o texto se refere), mas também para a educação em geral que fundamenta o direito de todos estudarem juntos, rumo à educação inclusiva.

> No Brasil, o instrumento jurídico precursor na legitimação da voz dos movimentos sociais pela inclusão educacional é a Constituição Federal de 1988 (CF) na qual se explicita, pela primeira vez, que o atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência deverá ocorrer, preferencialmente, na rede regular de ensino. Além desse claro indicador integrador, a CF estabelece diretrizes para tratar a Educação Especial como modalidade de educação escolar obrigatória e gratuita, ofertada também em estabelecimentos públicos
> de ensino, de maneira a propiciar aos alunos com deficiência os benefícios conferidos aos demais alunos e a integração das escolas especiais aos sistemas de ensino.(PARANÁ, 2006, p.27)

Cujo objetivo é oferecer recursos e serviços educacionais especializados aos alunos que apresentam necessidades educacionais em todo o fluxo educacional.

## 2.1 Dados da Deficiência no Brasil

Dados do Censo 2010 do IBGE, no Brasil, de aproximadamente 45,6 milhões de pessoas com pelo menos uma das deficiências investigadas, 38,5 milhões viviam em áreas urbanas e 7,1 milhões em áreas rurais. Na análise por sexo, observou-se que 26,5% da população feminina (25,8 milhões) possuía pelo menos uma deficiência, contra 21,2% da população masculina (19,8 milhões). Constata-se que a deficiência mental ou intelectual (2,6 milhões, 1,5% para homens e 1,2% para mulheres). Talvez pelos critérios de investigação usados pelo IBGE em 2010, tenham sido mais precisos de que os anteriores, pois, em 2000 indicavam que o Brasil tinha 14,5 % da população com deficiências com a perspectiva de 25 milhões de pessoas para 2004 (IBGE). Nota-se que esse número quase dobrou (23,9%), desvelando uma necessidade mais que urgente de atentar para esta modalidade de ensino. A Unicef afirma, segundo Honora e Frizanco que:

> ... no Brasil as principais causas da deficiência infantil são:
> - nutrição inadequada de mães e crianças;
> - ocorrências anormais de pré-natais e pós-natais;
> - doenças infecciosas;
> - acidentes;(2008, p. 15)

Honora e Frizanco (2008, p. 103) esclarecem que: “pessoas com funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos 18 anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas” é que são consideradas deficientes intelectuais.

## 2.2 Sobre o Xadrez

Franklin *apud* Horton (1996, p. 110) cita:

> O jogo de xadrez é tão interessante por si mesmo que não necessita da perspectiva do ganho para induzir a jogá-lo; e por isso nunca é jogado por dinheiro. Aqueles, pois, que tem tempo para tal diversão, não poderão encontrar outra mais inocente. (Benjamin Franklin)

Visto que Franklin foi o primeiro americano a dar valor ao jogo de xadrez naquele país. Ficando das seis da tarde até amanhecer o dia absorvido e absorvendo o xadrez, que foi o seu passa tempo preferido.

Não se sabe ao certo quem foi o inventor do xadrez, mas, que não foi invenção de um indivíduo sozinho e sim de muitos povos em muitas terras.

A luta pela sobrevivência que simbolicamente representam os elementos misturados complexamente, garante que como é jogado hoje o xadrez, houve centenas de improvisadores com suas experiências e cooperação para que assim ficasse.

Faz aproximadamente cem anos que aconteceu a última mudança no xadrez na Europa, visto que orientais e ocidentais com suas raças e países diferentes até recentemente jogavam com regras distintas entre si, necessitando então tal ajuste mundial.

Os anos passaram e hoje existem grandes campeonatos nacionais e internacionais, dando mais qualidade e quantidade aos projetos de massificação através desse esporte-arte e ciência.

### 2.3 O xadrez e a educação escolar

No que cabe a educação, as contribuições do xadrez nas escolas, podem e devem ser propostas. Pois, como jogo, quando um enxadrista participa de um torneio se converte em um desportista vive os momentos épicos ou sofre os dissabores como qualquer jogador nas mais variadas modalidades, porque pode ganhar ou perder.

Tratar o xadrez somente como um jogo, estar-se-ia caindo em um absurdo engano, visto que, este jogo trabalha e educa o raciocínio bem como capacidades intelectuais do praticante. A sua relação com a ciência torna-se verdadeira por desenvolver a atenção e a capacidade de concentração, proporcionando prazer ao enxadrista que quase sem perceber já foi operando as relações com o cognitivo e suas operações com o afetivo, valorizando o intelecto.

### 2.4 Inclusão

De acordo com Stainback (1999):

> A inclusão vem representando um avanço em relação ao movimento de integração escolar, que pressupunha o ajustamento da pessoa com deficiência para sua participação no processo educativo desenvolvido nas escolas comuns, a inclusão postula uma reestruturação do sistema educacional, ou seja, uma mudança estrutural no ensino regular, cujo objetivo é fazer com que a escola se torne inclusiva, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve não só ser aceita como desejada.

O processo de inclusão vem sendo aplicado em cada sistema social. Assim, existe a inclusão na educação, no lazer, no transporte, etc. Quando isto acontece, podemos falar em educação inclusiva no lazer inclusivo, no transporte inclusivo e assim por diante. Uma outra forma de referência consiste em dizer, por exemplo, educação para todos, lazer para todos, transporte para todos.

No contexto onde se encontram os escolares com DI (seja no CEOB de Cantagalo - PR, ou quaisquer instituições escolares no mundo), os quais têm poucas chances de decidir, o jogo xadrez como ferramenta pedagógica coadjuvante da aprendizagem na Sala de Recursos Multifuncional, possui uma tarefa ímpar, pois vai ao encontro do que afirma Prieto:

> O objetivo na inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora da aprendizagem. Nesse caso, as limitações dos sujeitos devem ser consideradas apenas como uma informação sobre eles que, assim, não pode ser desprezada na elaboração dos planejamentos de ensino. (PRIETO, 2006, p. 40).

Entendendo esse objetivo da inclusão escolar acima citada, buscou-se desenvolver práticas educacionais inclusivas que garantissem equidade de atendimento a todos os alunos com deficiência intelectual da sala de recursos multifuncional, onde percebeu-se a possibilidade que o professor tem através do jogo de xadrez de melhorar o desempenho do escolar nas várias áreas de estudo, podendo torná-los seres pensantes, autônomos e capazes de lidar com situações problemas, orientando-os, interagindo, mediando, ajudando a aprender (e aprendendo), levando ao educando novas situações de aprendizagem, de forma lúdica e recreativa. Imagina-se que deste modo, nossos alunos aprendam e descubram regras e limites de forma prazerosa e voluntária, libertando-se de suas amarras sociais, transformando-se em seres autônomos, responsáveis e criativos.

Portanto, Inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais, cidadãos que dela foram excluídos, no sentido de terem sido privados do acesso aos seus direitos fundamentais. Quanto mais sistemas comuns da sociedade adotarem a inclusão mais cedo se completará a construção de uma verdadeira sociedade para todos – a sociedade inclusiva. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos.

Deste modo, sentiu-se que a utilização do jogo de xadrez, poderia atender a estes e inúmeros outros objetivos inclusivos devido a grande importância que o jogo tem sobre os educandos. Haja vista que, estatura, envergadura, seja cor, raça, credo, situação social ou financeira iguais, não é pré-requisito para jogar xadrez, favorecendo assim, o convívio com as diferenças, possibilitando o crescimento intelectual e cultural mais rico e solidário.

## 3 Metodologia

O xadrez como agente coadjuvante na aprendizagem na sala de recursos multifuncional (SRM) com deficientes intelectuais (DI), do Colégio Estadual Olavo Bilac (CEOB) de Cantagalo – PR faz parte da especificidade da ação pedagógica referente à inclusão social, donde é reflexiva sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido. Nesse sentido, a intervenção pedagógica utilizou-se do método de pesquisa-ação, com a intenção de integração e aproximação entre os alunos e a realidade em que as aulas aconteciam. Numa proposta crítico-superadora, (com vistas a pedagogia histórico-crítica) a metodologia qualitativa engendrou-se em um processo que associa a dinâmica da SRM à interação prática do aluno para uma melhor compreensão da realidade que faz parte.

Entende-se que a organização e planejamento das estratégias de ação que foram desenvolvidas pedagogicamente no 1º semestre de 2013, com alunos da SRM do CEOB de Cantagalo - Paraná, em trinta e duas horas/aulas (oito encontros) que se realizaram aos sábados à tarde, com quatro horas/aulas em cada encontro, ocorreu de forma satisfatória, sendo um encontro programado num dia útil para a apresentação do Xadrez Humano no Colégio, que totalizariam nove encontros, não houve por motivos subliminares aos “nomes” das peças e o número insuficiente de participantes. Mesmo assim, a prática possibilitou aos alunos/as o entendimento do que é tratado de maneira específica do jogo de xadrez, e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social.

### 3.1 Resultados obtidos com os/as alunos/as

O trabalho de implementação iniciou-se com a apresentação do projeto aos professores, funcionários, equipe pedagógica e direção do Colégio Estadual Olavo Bilac na Semana Pedagógica em fevereiro de 2013. Começou-se a efetivar a implementação do projeto de intervenção pedagógica na escola com os/as alunos/as da SRM do Colégio Estadual Olavo Bilac em Cantagalo, no dia 16/03/2013, porém, desde o segundo trimestre letivo de 2012, estabeleceu-se contato mais regular com os/as educandos/as da SRM, a fim de conhecê-los/as melhor, saber dos seus cotidianos, enfim, seus desejos e medos.

Nesse dia, apresentou-se a pequena peça teatral sobre a lenda de Sissa pelos componentes do Grêmio Estudantil para 16 alunos e 5 alunas, que embora o horário previsto fosse 13:00 horas, foram chegando em tempos diferentes até as 13:40h. A equipe pedagógica, direção e professoras da SRM se fizeram presentes. Isto feito, falou-se um pouco mais da história do xadrez em outro ambiente e se iniciou a prática social (diagnóstica) do jogo de xadrez, e posteriormente conversou-se sobre a tarde que tiveram. A maioria gostou. Falaram sobre o figurino do teatro, mas não entenderam muito bem o final nem porque do trigo. Uma porção menor (4) entendia a colocação das peças, mas ainda assim apresentaram dificuldades em movê-las corretamente. Nove conheciam as peças e alguns movimentos e os outros (8) nada sabiam, porém, brincaram com as peças.

Novos sábados vieram e com eles novas aulas conforme as ações da implementação. Todavia, o número de participantes caiu de 21 para 15, para 12 e finalizou-se com 11 participantes. As visitas à SRM continuaram. Procurou-se incentivá-los/as a frequentar o projeto, mesmo com a promessa da vinda, os sábados chegavam e a maioria não vinham. Dos 38 alunos/as com laudo e autorizados pelos pais ou responsáveis, os do ensino médio (9) nunca vieram. Segundo a professora da sala de recursos J.L.A.L: *"Eles (do ensino médio) tem vergonha de frequentar a sala e isso dificulta muito mesmo!"* Deste ponto de vista, algumas ações (como o xadrez humano) foram seriamente comprometidas de serem executadas com sucesso.

Cabe ressaltar, que as motivações extrínsecas ao jogo, foram feitas. Os alunos e alunas que frequentaram o projeto evoluíram bastante, ao ponto de que cinco deles/as dominaram a notação. Evidências mostraram que o sábado (não isolado) pode ter sido o principal fator da forte evasão ao projeto, considerando o

transporte escolar inexistente nesse dia, somando-se a falta de incentivo familiar, trabalho (segundo uns alunos/as) e interesse próprio.

Após cada encontro, fazia-se uma conversa com todos sobre as atividades desenvolvidas e ouvia-se relatos como do aluno M.M.R:

*"Nossa professor! Nunca pensei que fosse jogar esse negócio! É chatinho, mas eu gostei de aprender porque até a professora R.M me gavou!"*

Para a aluna J.B, *"Eu não sabia nada desse jogo! Agora eu jogo até no computador da sala da professora! Já é bom! Eu sei certinho como faz pra achar o joguinho."*

Nos relatos acima se percebe que dificuldades foram superadas e a aprendizagem ocorreu conforme as atividades foram sendo desenvolvidas melhorando a auto-estima dos/as educandos/as.

Entretanto, para que se chegasse a esse nível de conhecimento, foram necessários mais sete encontros que envolveram:

- 2º Encontro: conhecendo o tabuleiro, as peças (valor comparativo e movimentação) principais regras;
- 3º Encontro: inicio e meio de uma partida, temas de combinação e jogo propriamente dito com o uso de relógios para xadrez em partidas relâmpago (5 minutos), rápida (30 minutos) e convencional;
- 4º Encontro: notação de xadrez;
- 5º Encontro: o roque;
- 6º Encontro: uso do software Xadrez Livre e organização paralela de um torneio recreativo na mesma plataforma.
- 7º Encontro: Um *feedback* geral dos encontros realizados e aprofundamento na história e origem do xadrez bem como jogos enxadrísticos alternativos.
- 8º Encontro: Organização com apoio do Grêmio Estudantil de um torneio recreativo para alunos matriculados no CEOB.

Esse material didático usado para a realização das aulas (encontros) foi criado enfatizando as potencialidades dos alunos/as com DI, que frequentavam a SRM do Colégio. Por isso, a tentativa desse material foi de não tomar como referência a patologia dos/as alunos/as ou criar mais rótulos dos que já possuem e sim ajudá-los a superar esses estigmas socialmente colocados.

Assim, em nenhum momento se fez alguma referência em diminuir a forma de se ensinar xadrez por se tratar de alunos/as com DI, porque para Honora e Frizanco:

> "A deficiência intelectual não é considerada uma doença ou um transtorno psiquiátrico, e sim um ou mais fatores que causam um prejuízo das funções cognitivas que acompanham o desenvolvimento diferente do cérebro. As Deficiências Intelectuais podem variar de leve à grave, diferenciando muito a intervenção de quem trabalha com este aluno." (HONORA E FRIZANCO, 2008. p. 103)

Tanto é verdade que, os onze remanescentes no projeto, em tempos, formas e capacidades de apreensão diferentes todos aprenderam a lidar com o jogo de xadrez. Portanto, vê-se nesta prática de intervenção a possibilidade curricular de atender outras habilidades que esses alunos/as possam ter, dando-lhes mais autonomia e autoconfiança para seguir no aprendizado cotidiano, seja na escola ou em qualquer lugar que sirva para seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e humano.

### 3.2 Resultados obtidos junto ao Grupo de Trabalho em Rede/GTR

Deve-se sublinhar primeiramente o comprometimento do grupo que cumpriu 100% das atividades propostas com qualidade e discernimento. Grupo esse que se fez em torno do título: "O Xadrez na Sala de Recursos Multifuncional", foi formado por professores/as de sete disciplinas distintas entres si, sendo seis de Educação Física, três de Pedagogia, duas de Matemática, um de Geografia, uma de Letras, uma de Psicologia e uma de Química. As atuações dos/as envolvidos se distribuíram com: seis professores/as na SRM, quatro nas APAE's e dois/as na Educação Básica com Educação Especial.

Pode-se dizer que o fato de se ter uma diversidade de formação acadêmica enriqueceu o debate nas participações em todas as temáticas e isso favoreceu na intervenção pedagógica do projeto em questão na prática, visto que os problemas encontrados foram discutidos com o grupo e com a reflexão conjunta voltou-se para a prática com determinação em busca dos objetivos traçados.

O acumulo de conhecimento científico prático e metodológico dos educadores desse GTR contribuiu significativamente para a intervenção, mas notou-se nas interatividades dos fóruns, que as trocas de ideias sobre as práxis contextualizadas nas suas respectivas localidades educacionais, também foram desenvolvidas em

alto nível de conhecimento, visto que a riqueza das diferenças do grupo muito colaborou para que isso ocorresse.

Quando das sugestões de como explorar as potencialidades dos/as alunos/as com DI sob a luz do tema proposto no projeto, e, que todos os seres humanos têm defeitos e qualidades, ficou claro que as patologias devem ser consideradas apenas como informação sobre eles, e não como foco. Aliás, o foco evidenciou-se nas possibilidades de aprendizagem que os alunos com DI têm, possíveis adaptações sem subestimá-los em qualquer hipótese, sabendo que o alunado com DI pode ter um aprendizado mais lento, mas aprende. *"O xadrez é o jogo com muito potencial pra obtenção de resultados para os alunos com deficiência intelectual, claro que suas limitações são visíveis e em muitos casos bem complicadas, mas o mais importante é que o professor da sala de recursos não se deixe abater pela possível falta de resultados iniciais, esse é um trabalho onde os frutos serão colhidos em longo prazo e a atenção o carinho e a dedicação do professor serão fundamentais para o sucesso do projeto. A sociedade taxa muito as pessoas com deficiência intelectual, dizendo muitas vezes que este trabalho é perda de tempo e que esses alunos nunca vão aprender nada. Devemos usar estas palavras como estímulo e motivação pra provar o contrário".* (V.C.R. GTR- 2013).

Também se tratou da relevância da produção didática e pedagógica para as escolas, o como agir diante das mais variadas situações, apontou-se e corroborou-se com o trabalho vigente na questão integradora, sociabilizadora e humana que o projeto pode desenvolver no meio escolar (ensino-aprendizagem) e para a vida desses cidadãos que por muito tempo vem sofrendo inúmeros tipos de exclusão registrados na história da humanidade.

Verdade que mudanças nos atendimentos a esses seres tão especiais vêm acontecendo e que muito ainda tem-se a fazer com políticas públicas efetivas e eficazes para que tenham não só quantidade nesses atendimentos, mas, que a qualidade venha junto, propiciando uma educação rica, inclusiva, integradora e afetiva que valha para a vida de todos os envolvidos nesse processo.

Seguindo essa linha de análise e sintetização das contribuições, pôde-se vislumbrar quão fértil é o terreno onde o processo educacional habita combinado com jogo de xadrez. Os oito relatos de experiências, as três sugestões de atividades enviadas e o uso da PDP (adaptada ao contexto da escola) por quatro professores/as desse projeto, elevou-se o conhecimento para além da superfície

desse jogo, mostrando novas possibilidades e comprometimento que se espera de um/a grande profissional que atua na educação pública desse país, de forma crítica e participativa como deve ser um/a professor/a resiliente e progressista que busca qualidade na sua práxis pedagógica, seja no ensino regular ou especial.

## 4 Considerações finais

O trabalho realizado com alunos que frequentam a SRM do CEOB de Cantagalo-Pr e que possuem laudo de DI, foi possível observar que não importa o grau de dificuldade intelectiva que o mesmo apresenta para se ensinar algo, pois ele aprende ao seu tempo e espaço. Pôde-se notar que as influências peculiares que o jogo de xadrez carrega de fato auxiliam no processo de ensino e aprendizagem do educando. Haja vista o desafio a concentrar-se diante do tabuleiro tendo como oponente outro com o mesmo objetivo.

Assim, foram vivenciando novas experiências afetivas e cognitivas, melhorando o pensamento e o comportamento ao se depararem com situações problema, seja durante o projeto ou no cotidiano escolar como relatou a professora de Educação Física R.M.... "*Sempre que chego na sala x, está aquele alvoroço! E quem comanda a bagunça toda vez é o M. hoje não foi muito diferente. Mas quando começamos as atividades com os jogos de tabuleiro, a coisa se acalmou. Até fui verificar se o M. havia fugido da sala quando o vi jogando xadrez bem tranquilo e ainda ensinando uns colegas. Fiquei muito surpresa!*"

Entretanto, a intervenção se efetivou com apenas vinte nove por cento dos trinta e oito alunos com o referido laudo.

O grande número de evasão deu-se por ser o sábado um dia sem transporte escolar. Ademais, os nove alunos do ensino médio se recusam a frequentar a SRM por vergonha e até mesmo pelos motivos de seguidilhas satíricas do passado recente que sofreram no ambiente escolar. Assim, nunca se fizeram presentes.

Pode, não ter sido o sábado isolado o responsável pela evasão, mas fica claro que coadjuvou para que a intervenção não atingisse a todos. Optou-se por continuar executando o projeto aos sábados em respeito ao calendário escolar e aos (onze) que continuaram regularmente, apropriando-se do conhecimento e melhorando sua vida escolar.

Outro empecilho encontrado deu-se por conta do pouco interesse do aluno para com o jogo de xadrez, aliado ao pouco compromisso que os pais ou responsáveis possuem com a educação escolar dos seus filhos.

O presente estudo não tem um fim nele mesmo, pois há possibilidades e aplicabilidade do mesmo em várias esferas da educação, especialmente na SRM de forma contínua e sistemática pelos que lá estão inseridos.

**Referências**


**Declaração Universal dos Direitos Humanos**, ONU, 1948.

HONORA, Marcia; FRISANCO, Mary Lopes Esteves. **Esclarecendo as deficiências: aspectos e práticos para contribuição com uma sociedade inclusiva.** Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., São Paulo, 2008.

HORTON, Byrne Joseph. M**oderno dicionário de xadrez.** 3ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1996.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/. Acesso em: 06 de out. 2012.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil:** história e políticas públicas. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PARANÁ/SEED.**Diretrizes Curriculares Estaduais – Educação Física.** Curitiba, 2008.

PARANÁ/SEED.**Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação Básica.** Curitiba, 2008.

PARANÁ/SEED. **Diretrizes Curriculares da Educação Especial para a Construção de Currículos Inclusivos**. Curitiba, 2006.

PRIETO.R. G. **Atendimento Escolar de alunos com necessidades educacionais especiais:** um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: MANTOAN. M. T. E.; PRIETO. R. G.; ARANTES V. A. (Org.). 3. Ed. Inclusão Escolar: São Paulo: Summus, 2006. – (Pontos e contrapontos).

PPP- **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Olavo Bilac,** Cantagalo, 2012.

SEIRAWAN, Yasser; SILMAN, Jeremy; tradução Denise Regina Sales. **Xadrez Vitorioso: Estratégias.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William (organizadores). **Inclusão: um guia para educadores.** ARTMED ed., Porto Alegre (RS), 1999.

TIRADO, Augusto C. S. B.; SILVA, Wilson da.**Meu primeiro livro de xadrez: curso para escolares.** Curitiba: Ed. Gráfica Expoente, 1995.

UNESCO. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: UNESCO; CORDE, 1994.